

RECORTES DE BASTIDORES DE PESQUISAS E DE EXTENSÕES DO NEMDR: DA BASE À CONSTRUÇÃO DA COLCHA PARA AS FORMAÇÕES EM 2017

Resumo: A atuação de profissionais é uma das chaves na qualidade dos serviços educacionais ofertados nas escolas, em particular quando se localizam no rural. Por isso, é preciso atenção junto às ações desenvolvidas por instituições, como as universidades, responsáveis pelas formações – inicial e continuada. O que remete à valorização de estudos voltados a análises de registros advindos de pesquisas e/ou extensões desenvolvidas nas escolas como base para planejamento de ações formativas a serem desenvolvidas pelas universidades. Deste ângulo, neste ensaio, fez-se um levantamento, através de um diagnóstico, com análise documental de registros, de 2012 até 2015, obtidos durante ações de pesquisa e de extensão desenvolvidas por integrantes do Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural (NEMDR) do Campus III da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A análise dos registros forneceu subsídios para refletir sobre o mundo rural do aluno. Também oportunizou indícios sobre a importância da leitura para os responsáveis pela educação, analisando-a, também, a partir de experiências educativas e como se voltam/partem do mundo rural. Além disso, possibilitou acesso ao registro e à análise de instrumentos didáticos utilizados pelos profissionais de educação que podem nortear, ou não, a formação moral dos discentes. Após a análise das entrelinhas da colcha de imagens que se analisou neste ensaio concluímos com a apresentação de alguns temas/subtemas os quais se julgam significativos para planejarmos e executarmos as propostas de formação inicial e continuada voltada para os profissionais do Campo, inclusive as coordenadas por integrantes do NEMDR, em 2017: processo de aprendizagem; diversidade e inclusão; comportamento; currículo e didática; dinâmica e gestão escolar. Diante disso, só resta dizer a todos: *É preciso arregaçar as mangas ... visto que ainda há muito o que fazer!*

Palavras-chave: Formação. Núcleo de Extensão. Pesquisa. Rural.

1 Palavras iniciais

Como oportunizar formações voltadas para que o profissional da educação possa atuar em uma escola construída no rural e voltada para o sujeito rural? No meio universitário, a resposta a esta questão remete à necessidade de muitas ações respaldadas na tríade ensino, pesquisa e extensão. É grande a responsabilidade, basta lembrar que, fundamentado nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas no Campo:

Art. 13. Os sistemas de ensino, além dos princípios e diretrizes que orientam a Educação Básica no país, observarão, no processo de normatização complementar da formação de professores para o exercício da docência nas escolas do campo, os seguintes componentes:

I - estudos a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva, da região, do país e do mundo;

II - propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas. (BRASIL, 2002: p. 41)

Neste sentido, neste ensaio optou-se por realizar as reflexões que possam subsidiar futuras ações de formação. Para tanto, recorreu-se à análise de alguns fragmentos, obtidos durante ações coordenadas por integrantes do Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural (NEMDR) do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Desta perspectiva, recorre-se a uma análise documental, respaldando-se principalmente em recortes, imagens, obtidas durante a coleta de dados de duas pesquisas, ligadas ao Programa de Iniciação Científica¹ da UFPB, as quais são intituladas: (i) “Estudando como programas e de projetos contribuem com a melhoria da qualidade dos serviços educacionais das escolas no/do campo”, (desenvolvida de 2011 até 2013)²; (ii) “Formação Moral no/do Campo: o trabalho coletivo fundamenta a prática e a conscientização de regras básicas a (não)ocorrência da (in)disciplina escolar?”. Vale salientar que

a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. (...) na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc. (GIL, 2002: p. 45-46)

Sendo assim, o objetivo maior deste ensaio é nortear reflexões voltadas para futuras formações a serem desenvolvidas por integrantes do NEMDR, de modo a oferecer ao profissional de educação – que atua em instituições que tenham como público pessoas do rural – situações que favoreçam entender: o rural do qual seu aluno é integrante/sujeito; como valorizar a leitura e o mundo rural do qual seus alunos são sujeitos ativos; que instrumentos didáticos os profissionais de educação têm utilizado no processo educativo voltado à formação moral de seu público.

Inicialmente percebe-se que, por ser do “rural”, as escolas com singularidades, bem distintas das situadas em áreas urbanas. A título de exemplo, tem-se vista da divisa entre uma instituição escolar e o

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFPB) e de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC), ligado ao Pró-Reitoria de Pós-Graduação e da UFPB.

² Para maiores detalhes sobre estas pesquisas consultar Silva *et al* (2013^a; 2013b) e Lopes, Barbosa e Silva (2015)

mundo do qual é parte – o rural, como o que integrantes do NEMDR puderam registrar, durante atividade de pesquisa, principalmente nos casos em que os registros foram feitos por quem estava tendo o primeiro contato com o mundo rural.

Ilustração 01 – Um Trecho do Caminho e da “vista da frente” do Grupo Escolar Luzia Coutinho Garcia, em Areia



Fonte: Base de dados do NEMDR, Pesquisa (abril de 2012)

A partir das ilustrações 1 e 2 percebe-se no cenário um conjunto de serras e árvores, marcadas pelas estradas de barro. Também não é difícil imaginar que na estrada, que a equipe percorria para ir e voltar da escola, havia um trecho que no período do inverno é alagado. O que leva nesse período a mudanças na rota dos alunos e seus professores, de forma a terem que passar por outra estrada mais longa (passando por outro(s) município(s)), ou, caso continuem no mesmo caminho, tenham que atravessar o rio, sem ser de barco!

Ilustração 2 – O mundo ao redor e a caminho da Escola Municipal Sólon de Lucena, em Borborema.



Fonte: Base de dados do NEMDR, Pesquisa (2014).

É importante mencionar que estas imagens são de um mundo do qual são parte sujeitos que recebem “Educação Rural”, destinada a famílias das quais são parte os camponeses. Segundo Ribeiro

Para estes sujeitos, quando existe uma escola na área onde vivem, é oferecida uma educação na mesma modalidade da que é oferecida às populações que residem e trabalham nas áreas urbanas, não havendo, de acordo com os autores, nenhuma tentativa de adequar a escola rural às características dos camponeses ou dos seus filhos, quando estes a frequentam.

Destinada a oferecer conhecimentos elementares de leitura, escrita e operações matemáticas simples, mesmo a escola rural multisseriada não tem cumprido esta função, o que explica as altas taxas de analfabetismo e os baixos índices de escolarização nas áreas rurais (...). Assim se explica a razão pela qual, na América Latina, observa-se uma multiplicidade de culturas populares que poderiam ser consideradas pela escola rural, mas não o são. (2012: p. 294)

Com relação à educação ofertada no rural, do qual esse cenário é parte, com relação a formação do sujeito do campo. Vale lembrar que há muito tempo

um dos maiores problemas da modalidade de formação que relaciona o estudo, feito na escola, ao trabalho produtivo, feito na terra, é o que Petty, Tombim e Vera (1981) identificam como a capacitação dos docentes para que eles possam corresponder às necessidades da educação no meio rural, em particular a que relaciona trabalho e escola. Entre as alternativas para a formação de professores, encontradas na época em que esses autores escreveram seu artigo, estavam as escolas normais rurais.

(...) Compreendida no interior das relações sociais de produção capitalista, a escola, tanto urbana quanto rural, tem suas finalidades, programas, conteúdos e métodos definidos pelo setor industrial, pelas demandas de formação para o trabalho neste setor, bem como pelas linguagens e costumes a ele ligados.

Sendo assim, a escola não incorpora questões relacionadas ao trabalho produtivo, seja porque, no caso, o trabalho agrícola é excluído de suas preocupações, seja porque sua natureza não é a de formar para um trabalho concreto, uma vez que a existência do desemprego não garante este ou aquele trabalho para quem estuda. E, ainda, como a escola poderia valorizar a agricultura, tão desvalorizada nas concepções que sustentam ser o camponês um produtor arcaico e um ignorante em relação aos conhecimentos básicos de matemática, leitura e escrita? (p. 294).

Lembrando Lacerda *et al* (2015) ao citar Pinheiro “a educação no campo tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descaso, especialmente pela ausência de políticas públicas para a população que lá reside” (p. 401)

Do ponto de vista das políticas voltadas para a instituição escolar rural, programas implantados através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, o FNDE (BRASIL, 2011; 2012) têm buscado proporcionar melhorias, que têm repercutido em mudanças, advindas de programas como o PDDE Campo o Proinfo (SILVA *et al*, 2013a), o Programa Nacional do Livro Didático – Campo, como os livros da “Coleção Girassol: Saberes e fazeres do Campo” (AZEVEDO *et al*, 2014).

2 A busca pela valorização da leitura e/do mundo rural

Considerando que nos processos de ensino e aprendizagem um ponto crucial é o da leitura, como oportunizar formações as quais valorizem uma leitura de mundo – em particular do rural – do qual seus alunos são parte? Tomando como base Freire, um desafio é oportunizar reflexões que possam culminar tanto na compreensão como da valorização por parte do profissional de educação a *dialogicidade do ato educativo*, o que requer; o uso do diálogo para mediatizar as relações; considerar a criança como sujeito de sua própria aprendizagem; a qual ocorre no coletivo e em situações de conflito entre o conhecimento antigo e o novo. Neste sentido, o diálogo deve ser

uma experiência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tão pouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 1979: p. 79)

Talvez algumas das frases encontradas numa sala de informática, no município de Serraria, fossem um convite para iniciar experiências deste tipo, vejam na ilustração 3 as mensagens.

Ilustração 3 – Mensagens sobre a leitura na Sala de Informática da Escola Municipal Noemia de Carvalho (Serraria)



Fonte: Base de dados do NEMDR, Pesquisa, em maio de 2012

Frases como estas proporcionam refletir sobre a leitura como momento chave dos processos de ensino aprendizagem. Porém, a escola deve ir além, oferecendo atividades ricas para despertar o gosto pela leitura, proporcionando o ultrapassar da mera decodificação. Para tanto, é necessário buscar uma interação que esteja na base da mudança externa e interna ao indivíduo, isto porque

É assim que a relação entre o sujeito e o objeto material modifica o sujeito e objeto ao mesmo tempo pela assimilação deste àquele e pela acomodação do sujeito ao objeto. Ocorrendo assim também com todo o trabalho coletivo do homem sobre a natureza ... é a fortiori evidente que cada interação entre sujeitos individuais modificará os sujeitos uns em relação aos outros. Cada relação social constitui, por conseguinte, uma totalidade nela mesma, produtiva de características novas e transformando o indivíduo em sua estrutura mental (Piaget, 1973: p. 35).

Esta interação pode ser o que fundamentou a prática registrada em 2010 pela Secretaria de Educação de Alagoa Nova nas experiências em que alunos de escolas deste município se deleitavam sobre os textos do Jornal escolar “As Formigas Falantes”³. A partir deste contexto, fica claro que o jornal é uma ferramenta importante no que tange ao enriquecimento do aprendizado em sala de aula, o qual, utilizado de maneira correta, serve de veículo para reconstruir uma concepção de mundo e aguçar o senso crítico do público envolvido, frente às informações recebidas. Através deste recurso pedagógico, pode-se estimular a leitura e a escrita e, desta forma, trabalhar a criatividade, para que o educando construa novas concepções em sala de aula.

³ Atualmente o arquivo do “Jornal Escolar” pode ser acessado através do link do Portal do Jornal Escolar <http://www.jornalescolar.org.br/> e <http://www.jornalescolar.org.br/arquivo-de-jornais/>

Lopes (1989), do ponto de vista pedagógico, diz que “o jornal-laboratório deve ultrapassar a noção de ensaio experimental para se tornar uma iniciativa factível de serviço comunitário, prestando informação ou veiculando opiniões úteis para o comportamento do público leitor”. Para tanto, urge a necessidade de se preparar os alunos, em qualquer modalidade do ensino, para que sejam pessoas comprometidas com a ética social, agentes formadores de opinião, conscientes de que o ser humano desinformado tende a tornar-se alienado, incapaz de se perceber enquanto sujeito um agente transformador, produtivo e responsável pelo seu bem-estar e do meio em que vive.

Partindo das ilustrações supõe-se que foram muitos os momentos de leitura marcados pela curiosidade e motivação em ler. O que, conseqüentemente, leva a momentos de questionamentos e trocas – ricas interações – entre os envolvidos no ato de ensino e de aprendizagem.

Ilustração 4 – Registros das atividades Projeto “Jornal As Formigas Falantes” na Escola José Luiz Correa, na Chã da Barra, em Alagoa Nova



Fonte: Registro fornecido pela Secretaria de Educação de Alagoa Nova, registro obtido na Pesquisa, em 2012

Através de experiências mediatizadas pela leitura, as crianças podem construir esquemas cognitivos essenciais para que possam desenvolver ações fundamentadas na cooperação, processo cognitivo o qual, segundo Piaget, marca-se por “operações efetuadas em comum ou em correspondência recíproca” (1973: p. 22). Sendo uma conduta, uma variedade de comportamento e que sustentam o equilíbrio das regras racionais. Segundo este autor a cooperação é

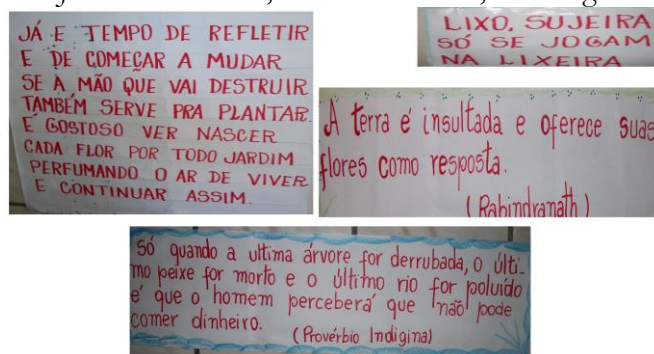
um sistema de operações executadas em comum ou por reciprocidade entre as de seus parceiros; em vez de traduzir um sistema de tradições obrigatórias, a cooperação que é a fonte de ‘agrupamentos’ de operações racionais, prolonga, pois, sem mais, o sistema de ações mesmas e das técnicas (Piaget, 1973: p. 64).

Neste sentido, recursos como um Jornal Escolar pode dar base para intervenções didáticas ricas, através das quais se proporcionem relações sociais marcadas pela cooperação, de reciprocidade e

de respeito mútuo, as quais são “resultado de um processo psicogenético de construção em que o sujeito não mais se obriga a obedecer às regras da sociedade por um dever que lhe é imposto, mas respeita essas regras quando se reconhece e as aceita como boas” (ARAÚJO, 1999: p.36). Temos aqui a força da interação enquanto um dos aspectos essenciais neste processo do desenvolvimento da autonomia.

Outras temáticas das formações iniciais e continuadas de profissionais de educação que educam sujeitos do rural podem focalizar processo construção e manutenção de um espaço rico para o ensino e a aprendizagem da leitura, inclusive do mundo rural, de forma transversal. Pode-se ter como exemplo o da horta registrado pela Secretaria de Educação, em junho 2010, durante etapa final de um projeto – desenvolvido por equipe de uma instituição – que não é a da UFPB – na Escola José Luiz Correa, na Chã da Barra, Em Alagoa Nova, onde diferentes cartazes, veja Ilustração 5 e 6, foram montados e passaram a fazer parte do contexto das salas de aula.

Ilustração 5 – Registros do elo das atividades “Projeto Viveiro” com as de leitura em junho 2010, Escola José Luiz Correa, na Chã da Barra, em Alagoa Nova



Fonte: Registro fornecido pela Secretaria de Educação de Alagoa Nova, registro obtido na Pesquisa, em 2012

Ilustração 6 – Registros do elo das atividades “Projeto Viveiro” com as de leitura em junho 2010, Escola José Luiz Correa, na Chã da Barra, Em Alagoa Nova



Fonte: Registro fornecido pela Secretaria de Educação de Alagoa Nova, registro obtido na Pesquisa, em 2012

Cabe salientar que em muitas das turmas de escolas rurais cujos registros aqui analisados foram efetuados são multisseriadas. Com isso, tem-se educandos de várias faixas etárias e diferentes estágios de desenvolvimento cognitivo e moral. Assim, pode haver os que estão superando a heteronomia e se

preparando para a autonomia moral, fundamentada em interações sociais, inclusive as advindas de momentos pedagógicos que, provavelmente, culminaram em “murais ou “cartazes”, que fundamentem interações, nas quais “os valores intelectuais estão enquadrados por regras lógicas e, quando o conjunto de um sistema é formalizado, estas regras se tornam a única fonte dos valores de verdade e falsidade, etc” (Piaget, 1973: p 39). Nesta perspectiva ser autônomo

significa ser capaz de decidir obedecer a uma lei por entendê-la necessária para si e para todos, muitas vezes significa também perder vantagens pessoais, deixar de ‘levar vantagem’, por recusar-se a usar o outro como um simples meio para uma finalidade que não lhe diz respeito. Por isto, o desenvolvimento da autonomia implica motivação interna e não está “ligada a nenhuma promessa de êxito individual ou de um grupo restrito”. (Menin, 1996: p. 90).

Os trabalhos, que enfatizam a leitura, como os expostos no mural da Ilustração 4 estiveram interligados à construção e à manutenção de uma horta, através de em projetos/programas ligados a instituições e a(s) Secretaria(s) de um Município. Por exemplo, veja as ilustrações 7, de uma escola situada em Areia e 8, numa escola em Alagoa Nova.

Ilustração 7 – Horta da Escola M. José Luiz Sobrinho, em Areia – PB



Fonte: Base de dados do NEMDR, Pesquisa, em Maio de 2012

A seguir tem-se ilustrações ligadas ao “Projeto Viveiro”, citadas e fornecidas numa entrevista, em 2012, por integrantes da Secretaria de Educação de Alagoa Nova, em entrevista a integrantes do NEMDR, durante pesquisa. É um convite à reflexão sobre como a instituição escolar pode auxiliar na leitura do mundo rural de que seus alunos são parte.

A análise das ilustrações 7 e 8 remete a momentos básicos para fundamentar a prática da “cooperação”. A qual, segundo Araújo (1999), requer da criança a formação inicial de uma moral provisória, ainda sem a constituição de um código (uma legislação) e de uma jurisprudência, que para se concretizar os envolvidos devem estar num mesmo patamar (moral e cognitivamente), através de trocas

que envolvem o confronto do seu ponto de vista com os de outros sujeitos. Menin (1996) também concorda com este posicionamento ao ressaltar que

cooperação, para Piaget, é *operar com ...* é estabelecer trocas equilibrada com os outros, sejam estas trocas referentes a favores, informações materiais, influências etc ... Muitas vezes a cooperação quer dizer discussão e não acordo. Mas numa discussão equilibrada de forma que cada pessoa possa colocar seus argumentos, rebater o dos outros, examinar suas posições e as dos outros, conhecer, considerar, negar ou afirmar outros pontos de vista que não só os próprios. A cooperação provoca *descentração*, ou seja, a diminuição do egocentrismo: o sair dos outros. (p. 52)

Ilustração 8: Momentos da Horta Escolar, durante o “Projeto Viveiro”, em 2009 e 2010, na Escola da Escola José Luiz Correa, Sítio Chã da Barra, em Alagoa Nova



Fonte: Imagens cedidas, em 2012, pela Secretaria de Educação de Alagoa Nova.

Experiências como estas oportunizam o trabalho em grupo, essencial para que os envolvidos aprendam a cooperar, através de

relações grupais evitando sempre que possível a interferência de uma autoridade exterior é propiciar a possibilidade de exercício de cooperação e, conseqüentemente, da construção das regras pelo grupo... (§) Há certas decisões pedagógicas relativas a conhecimentos específicos que cabe ao professor tomar e não aos alunos, embora estes possam e devam tomar parte nos modos como ocorrem seus processos de aprendizagem. (§) O problema com as relações de coação é que elas tendem a perdurar muito mais do que o necessário, perpetuando relações de mando-obediência ou rebeldia que não teriam razão de ser. (Menin, 1996: p. 96)

O trabalho em grupo oportuniza minimizar os efeitos negativos da imitação, uma vez que, segundo Menin (1996), uma das formas de propiciar o desenvolvimento moral nas pessoas é confrontá-las com outros que estejam em estágios mais avançados do raciocínio moral. Nas atividades grupais, em turmas multisseriadas, a prática da cooperação torna-se necessária para o andamento dos trabalhos. Quando surgem das interações têm legitimidade, com uma respeitabilidade superior entre os alunos,

quando comparadas somente com conselhos ou ordens do professor. O educador deve evitar o que em geral vem ocorrendo que é “a transformação de trabalhos individuais em grupais, por exemplo, dar uma lista de questões para um grupo responder e dentro destas são divididas e ‘cada um faz o seu novamente!’” (p. 93).

Vale destacar como é difícil manter experiências como estas, o que extrapola a capacidade da equipe da escola. Provavelmente devido a problemas, inclusive os atrelados aos recursos (principalmente os que permitem manter o enriquecimento do solo). Tanto que em 2012, quando a equipe do NEMDR coletava dados para uma pesquisa, obteve os registros, veja ilustração 9, do espaço da horta, no ano de 2012. O que remete à necessidade de mais intervenções, em particular por parte de instituições de ensino superior, que possam auxiliar escolas, como essa da ilustração, na manutenção de programas/projetos que valorizem a terra, a água, os alimentos que são parte da vida rural de seus educandos.

Ilustração 9 - Espaço da “antiga horta escolar”, Escola José Luiz Correa, na Chã da Barra, em Alagoa Nova



Fonte: Base de dados do NEMDR, Pesquisa, em abril de 2012

Numa escola que atende a sujeitos do mundo rural, esta contextualização deve extrapolar o calendário geral, adotado por todas as escolas do município do qual ela é parte, de forma que possa adequar seu calendário às peculiaridades sociais e históricas do mundo de seus alunos. Neste, durante a elaboração, execução e avaliação do calendário, a educação moral, numa perspectiva transversal, deve oportunizar o contato com a cultura do rural. Como exemplo de um espaço que se encontra infinitas possibilidades de recursos para que os profissionais da educação abordem isto está a Sala “Belita Luiz” da Escola José Luiz Correa, na Chã da Barra, Em Alagoa Nova, que pode ser vista nas ilustrações a seguir.

Ilustração 10 - As memórias e a cultura do rural através da Sala “Belita Luiz”



Fonte: Base de dados do NEMDR, Pesquisa, abril de 2012.

Ilustração 11 – Boneca(o)(s) de pano em Sala de aula de alunos Escola Municipal Lins Bonifácio, funcionando, na época, no Engenho Pinturas



Fonte: Base de dados do NEMDR, Pesquisa, em 2012

Com relação a uma valorização da cultura do rural é necessário mencionar como a interação social é significativa para que cada ser vai adotando escola(s) de valores, as quais correspondem “a uma coletividade de covalorização constituída pelo conjunto de indivíduos copermutadores segundo esta escala. Mas, de fato, existe um número relativamente elevado de escalas nas sociedades contemporâneas, donde as dificuldades de coerência”⁴ (Piaget, 1973: p. 131).

No processo educativo que atende ao sujeito do rural, outro eixo importante a ser abordado na formação dos profissionais de educação é o da formação moral – envolvendo ensino e aprendizagem de regras, valores e princípios, no sentido de oportunizar um contexto educativo que colabore neste processo. A seguir há exemplos de cartazes encontrados nos “arredores” de alguns espaços educativos que a equipe do NEMDR desenvolveu experiências de pesquisa e de extensão.

Uma das alternativas são os “Contratos Didáticos” presentes nos cartazes de salas de aula da Escola Municipal Escola Caldas Brandão, Alagoa Grande, conforme dados obtidos em maio de 2012.

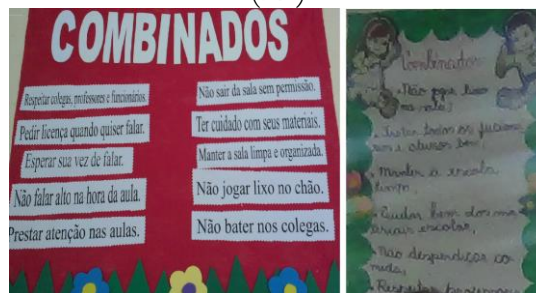
⁴ Com base neste autor, entre os possíveis resultados, entre os envolvidos, denominados “Ana” e “Carlos”, por exemplo, tem-se a seguinte situação: Ana prestará serviço (ajuda nos estudos) a Carlos que em troca tem como alternativa:

- a) Carlos não presta serviço atualmente a Ana, mas se contenta em valorizá-la;
- b) Carlos não presta serviço atualmente a Ana, mas se contenta em valorizá-la;
- c) Carlos não presta nenhum serviço, nem a valoriza.

Numa das salas de aula desta escola, o cartaz trazia o seguinte “contrato didático”: “Chegar na hora certa; prestar atenção nas explicações; fazer as tarefas de classe; fazer as tarefas de casa; respeitar os colegas; respeitar os professores e funcionários”. Já na outra sala de aula o contrato tinha como deveres do aluno: “respeitar o horário de chegar na escola; cuidar da organização da sala de aula; manter a escola limpa, não jogando lixo no chão; respeitar o colega, o professor e os funcionários; prestar atenção nas explicações dos conteúdos; e cumprir as atividades trabalhadas”.

Em outro espaço educativo, em Borborema, um cartaz na sala de aula que remete a regras análogas das encontrados nas salas de aula de Pilões. Veja na ilustração 12 e 13.

Ilustração 12 – Recortes de “Combinados” da sala de aula na Escola Edith Rodrigues Leite, Borborema (PB)



Fonte: Base de dados do NEMDR, Pesquisa, Maio de 2012 (à esquerda) e junho de 2015 (à direita)

Já em imagens registradas em 2015, durante atividade na Escola M. E. F. Carlos Hemógenes Lira, em Pilões, percebe-se, em espaços como o painel exposto na ilustração 13, com a valorização da emissão de palavras consideradas “mágicas” para a adoção de normas e o respeito para com o ser humano.

Ilustração 13 – Formação moral: palavras mágicas em cartaz da Escola Municipal Carlos Hemógenes Lira, Pilões



Fonte: Base de dados do NEMDR, Pesquisa, junho de 2015

Palavras mágicas como essas também faziam parte da decoração de uma sala de aula da Escola Municipal Sólton de Lucena, em Borborema, em 2012, as quais lembravam e valorizavam a importância da emissão do: “bom dia, boa tarde, boa noite, com licença, por favor, desculpas, obrigado”.

Cabe lembrar a necessidade do profissional de educação trabalhar a educação moral tendo como foco a superação, por parte dos envolvidos no ato educativo, do respeito unilateral, que é “uma primeira forma de relação social que nos chamamos de relação de coação” (Piaget, 1996: p. 5). Como salienta Menin (1996, p. 51) “na coação, o ‘grande’ impõe ao pequeno o que deve fazer e fornece consequências positivas ou negativas conforme suas ordens sejam seguidas ou não. O pequeno obedece por medo, por afeto, ele se molda ao grande, ele o imita”. Daí a importância de considerar os modelos desta criança, o que por sua vez depende do meio onde ele se insere. Segundo Araújo (1999), nesta coação ocorre

um ‘falso equilíbrio’, por ser fonte externa e não interna ao sujeito. Assim, embora exista um sistema comum de sinais e definições que é imposto coercitivamente pelos mais velhos, a coação não é fonte de equilíbrio operatório por que é irreversível, tem um sentido único da ação dos mais velhos sobre os mais novos, e também porque não existe uma obrigatoriedade na conservação das proposições e dos valores, uma vez que ao cessar a força da autoridade o sujeito poderá passar a pensar por si mesmo (p. 109)

Cabe salientar que para superação deste falso equilíbrio é necessário que o profissional de educação vá além do uso de cartazes. É preciso oportunizar situações pedagógicas favoráveis à superação de dilemas pró-sociais. Por exemplo, o que será que as crianças das turmas cujos cartazes fazem parte do seu espaço pedagógico responderiam quando questionadas sobre o que Ana deveria fazer se

Uma tarde, Ana fosse passando por uma rua quando, ao chegar a uma esquina, viu como duas meninas estavam batendo em uma outra, porque queriam tomar-lhe o seu *skate*. O que você acha que Ana fará? Por quê? ... Mas acontece que Ana ia ao circo essa tarde. O que levava em sua mão era uma entrada para o circo ganhou de seus tios; se ela ficasse para defender a menina, perderia a validade; perderia a sessão. O que você acha que ela fez: ficou para defender a menina ou ir ao circo? Por quê? (González; Padilla, 1984 apud Palácios; González; Padilla, 2004: 211)

3 Algumas considerações sobre o processo de formação de profissionais de educação do campo de 2017

A partir do exposto neste ensaio, para o ano de 2017 a equipe do Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural (NEMDR) defende ações – de ensino, pesquisa e extensão – fundamentadas na Educação do Campo, considerando todos os envolvidos como sujeitos históricos da realidade brasileira, em específico os da região nordeste, priorizando os sujeitos dos campos da Microrregião Paraibana.

Isto porque, tanto durante a fase de planejamento/elaboração, quanto de execução e avaliação das formações, buscar-se-á evitar ações pedagógicas que oportunizem o fortalecimento de uma

educação embasada em (re)produzir “desigualdades”, lutando contra o aumento da discriminação entre os residentes do campo e da cidade. Com o intuito de melhor fundamentarmos nosso trabalho.

Assim, no que tange às nossas propostas para trabalhar ações de formação continuada junto aos educadores e educadoras do campo, no próximo ano, destacaremos aquelas as quais focalizem o contexto, o que inclui abordar a importância do rural, atrelando as alternativas didáticas para turmas multisseriadas. Isto, objetivando colaborar para que estes tenham conhecimento de como trabalhar com objetos e conteúdos básicos de forma interdisciplinar.

Por isso, após a análise das entrelinhas da colcha de imagens que se analisou neste ensaio, concluímos com a apresentação de alguns temas/subtemas os quais se julgam significativos para planejarmos e executarmos as propostas de formação inicial e continuada voltada para os profissionais do Campo, inclusive as coordenadas por integrantes do NEMDR, em 2017:

- a) Processo de Aprendizagem: alfabetização e letramento fora da idade adequada, consciência fonológica; jogos matemáticos, relação entre brincar x alfabetizar, música, textos literários infantis, peças teatrais.
- b) Diversidade e Inclusão: questões de gênero, inclusão, diversidade racial, noções básicas da língua de sinais (Braille), identidade da criança de 5 aos 7 anos quanto à Identidade sexual, fases do desenvolvimento da criança.
- c) Comportamento: *bullying*, indisciplina, agressões físicas e verbais, gestão de conflitos no ambiente escolar.
- d) Currículo e Didática: novas tecnologias no ambiente escolar, relação tempo/espço, currículo Escolar, meio ambiente, desenvolver Projetos, diversidade na avaliação.
- e) Dinâmica e Gestão Escolar: realidade escolar, valorização do professor, relação com as famílias, perfil do profissional da educação infantil, Fóruns ampliados com outros segmentos: esporte/cultura/segurança/assistência social, formação Educação e Conselhos Tutelares e autonomia da escola e Gestão Democrática.

Diante disso, só resta dizer a todos: *É preciso arregaçar as mangas ... visto que ainda há muito o que fazer!*

Abstract: The work of professionals is one of the keys on the quality of the educational services offered in schools, particularly when located in the countryside. Therefore, it is necessary to attention with the actions developed by institutions such as universities, responsible for training-initial and recurrent. What refers to the recovery of studies focused on the analysis of records from research and/or extensions developed in schools as the basis for planning of training actions to be developed by the universities. From this angle, in this essay, a survey, through a diagnosis, with documental analysis of records, from 2012 to 2015, obtained during research and extension actions developed by members of the Multidisciplinary Extension to Rural Development (NEMDR) of the Campus III of the Federal University of Paraíba (UFPB). The analysis of the records provided subsidies to reflect on the rural world of the student. Also provided clues about the importance of reading for those responsible for education, analyzing it from educational experiences and how to turn/depart from the

countryside. In addition, allowed access to the record and analysis of didactic instruments used by education professionals that can guide, or not, the moral training of the students. After analyzing the subtext of the quilt of images that examined in this essay concludes with the presentation of some themes/sub-themes which is significant to plan and execute the initial and continued training proposals aimed at the professionals in the field, including the coordinates by members of NEMDR, in 2017: the learning process; diversity and inclusion; behavior; curriculum and teaching; Dynamics and school management. Given this, we have only say to all: *we must roll up our sleeves ... Since there is still so much to do!*

Keywords: Formation. Extension core. Research. Rural.

Referências

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de Araújo. O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil. In: MACEDO, Lino de Macedo *et al* (org). **Cinco Estudos de Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996 (Coleção Psicologia e educação), p. 105-136.

AZEVEDO, Ana Viviane Miguel de *et al*. Professores do Campo: o educar para a solidariedade a partir da “Coleção Girassol: saberes e fazeres do Campo. Seminário Nacional do Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural (NEMDR) (1: 2014 Bananeiras - PB). **Anais do 1º Seminário Nacional do Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural (NEMDR), 4º Seminário de Agroecologia, Resistência e Educação do Campo e 1º Seminário do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas ...** João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. p. 61-69

BRASIL, MEC. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**. CNE/MEC, Brasília, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Conselho Deliberativo. **Resolução nº 28 de 09 de junho de 2011**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8316-resolucao-028-09062011-pdde-campo-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 09 out. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Conselho Deliberativo.. **Resolução nº 36 de 21 de agosto de 2012**, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13210-resolucao-36-de-21-de-agosto-de-2012-pdf&category_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 09 out. 2016.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

LACERDA, Dayane Cristine de Oliveira *et al*. Assentamento Antônio Conselheiro no Município de Esplanada-BA. In: Seminário Internacional do Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural (NEMDR) (1: 2015: Bananeiras, PB). . In: Seminário Internacional do Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural (NEMDR) (1: 2015: Bananeiras, PB). **Anais do 1º Seminário Internacional do Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural e 1º Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa, Currículo e Práticas Educativas**, de 28 a 30 de setembro de 2015. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 395-409

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

LOPES, Carlos Eduardo da Silv., BARBOS, Marinalva Silva e SILVA, Nilvania dos Santos. Formação Moral de Crianças No/Do Campo: construção de regras a partir das perspectivas de professores dos municípios de Areia, Borborema e Pilões – PB. In: Seminário Internacional do Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural (NEMDR) (1: 2015: Bananeiras, PB). **Anais do 1º Seminário Internacional do Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural e 1º Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa, Currículo e Práticas Educativas**, de 28 a 30 de setembro de 2015. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 252-272

PALACIOS, Jesús, GONZÁLEZ, María Del Mar., PADILLA, Maria Luisa. Conhecimento social e Desenvolvimento de normas. COLE, Michael & COLE, Sheila R. **O desenvolvimento da Criança e do Adolescente**. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2004 (4ª Edição)

PINHEIRO, M. S. D. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**, 2011. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos915/educacao-campo-politicas/educacaocampo-politicas.shtml> Acesso em: 25 de setembro de 2016

MENIN, Maria Suzana de Stefano. Desenvolvimento Moral. In: MACEDO, Lino de Macedo et al. (org). **Cinco Estudos de Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996 (Coleção Psicologia e educação), p. 37-104.

PIAGET, Jean. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973

PIAGET, Jean. Os procedimentos da Educação Moral. In: MACEDO, Lino de Macedo et al. (org). **Cinco Estudos de Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996 (Coleção Psicologia e educação), p. 01-36.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. CALDART, Roseli Saete et al (org.). **Dicionário da Educação do Campo** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SILVA, Nilvania dos Santos. A Qualidade dos Serviços Educacionais em Escolas da Microrregião do Brejo Paraibano: contribuições do PROINFO e do PDDE Campo. In: SILVA, Eduardo Jorge Lopes da., et al. (Org.) **Educação do campo: relatos de experiências**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013a. p. 81-104

SILVA, Nilvania dos Santos. Escola Ativa e suas contribuições ao ensino oferecido pelas Escolas Do/No Campo da Microrregião do Brejo Paraibano. In: SILVA, Eduardo Jorge Lopes da., et al. (Org.) **Educação do campo: relatos de experiências**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013b. p. 105-128

Recebido em: 05/10/2016

Aprovado em: 10/12/2016